

Diante da obra de Guimarães Rosa muitos são os estudos quase sempre unânimes em destacar a sua extrema qualidade literária. O uso singular da linguagem, os enredos de contornos fluidos e os enigmas desenvolvidos pelo escritor alimentam os olhos de seus leitores, ao mesmo tempo em que se tornam farta matéria-prima aos exegetas. A arte transborda na escrita de Rosa pelos temas que elege e, sobretudo, pelo modo como trata deles.

O livro *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, de Luiz Tatit – compositor e Professor Titular do Departamento de Linguística da FFLCH da USP – conecta-se a essa rede de diálogos em torno da obra rosiana. Tatit, entretanto, diferencia-se dos críticos e estudiosos do escritor mineiro, pois o elege não para falar sobre sua obra, mas antes sob ela. Nos escritos de Rosa, Luiz Tatit percebe “a existência de uma intenção teórica por trás das soluções literárias” (p.12) e, assim, realiza uma aproximação entre tais “soluções” e as proposições teóricas da semiótica discursiva. A obra de Guimarães Rosa funciona como o filtro através do qual Tatit focaliza os tópicos que a seu ver “não podem mais ser ignorados por uma semiótica que sempre teve como horizonte prioritário a pesquisa de método para a abordagem da construção do sentido” (p. 16). Por meio da análise de seis dos contos presentes no livro *Primeiras Estórias*, lançado em 1962, Luiz Tatit descortina de maneira bem sucedida o que há de “pura semiótica” e está envolto “sob o véu fino do tratamento literário” tecido pelo romancista (p. 14).

A semiótica discursiva retoma a formulação de Hjelmslev, para o qual a significação se dá na relação entre as formas do plano da expressão e do plano do conteúdo das linguagens. Os estudos semióticos pretendem entender quais são os mecanismos responsáveis pela produção de sentido nos textos. Para isso, foi concebido um aparato metodológico que permite observar a produção da significação como um percurso constituído de etapas que se superpõem, indo de um nível profundo e abstrato até um mais superficial e concreto. A análise semiótica realiza uma espécie de desconstrução do texto que visa a reconstituir e recuperar o modo de produção da significação. A partir do exame das regularidades, o analista observa o processo crescente de complexificação nas diferentes etapas do percurso gerativo.

Luiz Tatit parte da formulação de que as propostas desenvolvidas pela semiótica discursiva, tais como as funções sujeito/objeto, os processos persuasivos e avaliatórios, as ideias de continuidade (conteúdos sensíveis) e descontinuidade (conteúdos inteligíveis), entre várias outras, foram antecipadas por Guimarães Rosa, numa obra que ganha “contornos de um tratado geral sobre as principais categorias empregadas na análise do sentido” (p. 12).

Atendo-se principalmente às facetas desenvolvidas pelo escritor brasileiro, no que diz respeito ao desenvolvimento de uma sintaxe de cunho narrativo e tensivo, Tatit desvela, ao longo de seis capítulos, questões ainda não totalmente resolvidas pela semiótica, teoria fundada por Greimas e reconhecida pelo gosto do rigor analítico e por análises que buscam o avanço metodológico da teoria.

O primeiro capítulo “O destinador transcendente – ‘Nada e a nossa condição’” discute o estatuto profundo do actante destinador, entendido como aquele que determina toda e qualquer manifestação na narrativa. Tatit considera que a noção de “destinador transcendente” adotada por Greimas e Courtés foi abordada por Guimarães Rosa através da figura do fazendeiro Tio Man’Antônio. O fazendeiro teve uma vida marcada por experiências de perda: a morte da mulher, o casamento das filhas, a emancipação dos próprios empregados, chegando finalmente ao episódio de sua morte. Nesse percurso, o personagem só não perde a função de destinador transcendente, já que é ele quem emancipa os funcionários e planeja detalhadamente a própria morte. No episódio do falecimento da esposa, Man’Antônio não se paralisa no luto e não se rende às forças antagonistas, mas pelo contrário empreende uma grandiosa reforma em sua fazenda. A morte “desperta no destinador o ímpeto da continuidade” (p. 27). A busca pela conservação da continuidade garante o progresso narrativo e, assim, Tatit nos mostra que Guimarães Rosa, através desse fazendeiro com “seus projetos mais sintáxicos que semânticos” (p.26), caracteriza “uma *narrativa pura*, aquela que representa um *fazer*, uma transformação ou um processo transitivo, independentemente das razões e dos investimentos discursivos” (p. 29). A análise de Tatit revela um determinado ritmo no conto, responsável pela continuidade do texto “independentemente dos conteúdos investidos” (p.27).

Ao observar o ritmo dos textos, os coeficientes tensivos dos protagonistas, como no quinto capítulo “Quando o Ser é Substância – ‘Substância’”, as relações entre continuidades e descontinuidades, entre rotina e acontecimento, Tatit vai dissecando os textos de Rosa, enquanto discute e aprofunda questões semióticas. Não se trata de realizar uma paráfrase da obra, ou de contextualizá-la social e historicamente, mas a opção do analista é perceber as cifras tensivas que regem os personagens e o estatuto das relações estabelecidas entre sujeitos e entre sujeitos e objetos. Busca-se captar o movimento impresso na escrita rosiana, marcada por aberturas e fechamentos, fraturas e escapatórias. Tais recursos garantem a espetacular progressão das narrativas. “Substância”, por exemplo, conta a história de amor entre o fazendeiro Sionésio e a funcionária Maria Exita, que, depois de abandonada pela família, passa a residir na propriedade do fazendeiro. Tatit mostra que no conto é possível perceber quanto os coeficientes tensivos dos protagonistas são bem delimitados. A personagem Maria Exita,

absorvida pela matéria do polvilho, cuja brancura serve de tom e cenário ao encontro amoroso com Sionésio, é caracterizada por um andamento desacelerado e por uma temporalidade alongada, refletida na sua paciência e em seu estado de espera. Sionésio, pelo contrário, caracteriza-se pela alta velocidade, por uma “recusa da duração” (p. 131). Para que a aproximação entre os dois se consolide são, então, necessários diversos ajustes, os quais Tatit denomina de “ajustes musicais” (p. 141). Observar o ritmo que dá conta desse encontro amoroso é um dos objetivos da análise semiótica empreendida por Luiz Tatit, para quem a riqueza da obra de Rosa reside justamente no tratamento dado a esse tipo de questão. A presença de Maria Exita na fazenda, durante muito tempo despercebida, torna-se um acontecimento, quando Sionésio é tomado pela paixão. Entretanto, como isso ocorre de maneira paulatina, Tatit arrisca-se a desenvolver a noção de “acontecimento extenso”, definido como “aquele que só se realiza plenamente ao cabo de numerosas ocorrências do mesmo gesto ou do mesmo fenômeno” (p.117). Esse mesmo “acontecimento extenso” está presente no famoso conto “A terceira margem do rio”, analisado por Tatit no quarto capítulo “Práticas impregnantes – ‘A Terceira Margem do Rio’”, no qual “as aparições longíquas do homem na canoa representam etapas do mesmo fenômeno que vão impregnando a mente do filho” (p. 117). Ao comparar os dois contos, do ponto de vista tensivo, Tatit percebe ainda que em ambos a “espera paciente” de Maria Exita e do personagem “nosso pai” resulta em respostas imediatas. A resposta de Maria Exita “só se for já...” e a pronta saudação do “nosso pai” que rema em direção à margem “surpreende as previsões dos proponentes” (p. 145). Vale ressaltar que as relações entre rotina e acontecimento, surpresa e espera são questões postas em pauta pela teoria semiótica. O tratamento minucioso dado a elas por Tatit se revela como grande contribuição aos estudos semióticos.

Os capítulos dois e três “A verdade extraordinária – ‘As Margens da Alegria’” e “O Encontro do Ritmo – ‘Os Cimos’” tratam respectivamente do primeiro e do último conto do volume *Primeiras Estórias*. O conto que fecha o livro é composto por Guimarães Rosa como uma continuação das mesmas reflexões, personagens e cenários do conto de abertura. Ambos retratam a viagem de um menino com seus tios, a fim de conhecer o local onde será construída uma grande cidade. No primeiro, “tudo parece significar ruptura do cotidiano e encantamento com a nova experiência” (p.47), por ser uma viagem – nas palavras de Rosa – “inventada no feliz”. Já no segundo, a grave enfermidade da mãe do menino é o motivo da viagem, que se torna sombria e triste para ele. O exame desses dois contos leva Luiz Tatit a recuperar a noção de estética, introduzida por Greimas no livro *Da Imperfeição* (2002). Segundo essa teoria “o irrompimento de um acontecimento extraordinário tem o poder de retirar o sujeito do seu cotidiano e de deixá-lo

exposto e vulnerável aos encantos do objeto” (p.45). No caso de “As margens da alegria”, apesar de toda a novidade apresentada ao menino com a construção da nova cidade, sua vivência epifânica se dá num encontro com um peru no quintal da casa. Em “Os cimos” há o surgimento de um tucano, que exerce sobre o menino um fascínio próximo ao da primeira ave. A partir desses encontros (in)esperados e dos valores postos nesses objetos, Tatit analisa a instauração de relações entre continuidades e intervalos. No primeiro conto, percebe-se “essas experiências excepcionais eufóricas como pequenos segmentos englobados por demarcações ao mesmo tempo recentes e iminentes: nem bem começam já estão prestes a terminar” (p. 69). Do último conto, Tatit depreende uma “teoria sobre os acontecimentos”, através de cinco razões de natureza tensiva, que são trabalhadas por Rosa com o intuito de explicar os motivos pelos quais “não chegamos a apreciar plenamente os bons acontecimentos” (p.81). Isso se dá pelo fato de os acontecimentos ocorrerem depressa e inesperadamente demais, ou, ao contrário, por serem exaustivamente esperados e acabarem diluindo “o traço impactante próprio de todo acontecimento” (p. 82). À teoria desenvolvida por Guimarães Rosa, Luiz Tatit acrescenta as reflexões de Zilberberg (2006) e de Valéry (1973).

Ainda no capítulo “O Encontro dos Ritmos – Os Cimos”, Luiz Tatit apresenta a belíssima “teoria do faz de conta”, também presente na análise do conto “Nada e a nossa condição”. Em “Os Cimos”, o menino não tem o poder de restabelecer a saúde da mãe, nem de voltar ao tempo em que podia conviver com ela ainda saudável. Contudo, ele “faz de conta” que sua mãe está presente e, então, “constrói uma narrativa de mão dupla” (p. 92). Segundo Tatit:

‘fazer de conta’ reflete a epistemologia rosiana que concebe as essências da vida como resultados de pequenas narrativas, em geral intermitentes, destinadas a manter o ser humano em atividade mesmo que o Sentido da vida lhe seja sempre nebuloso. (p.93)

No último capítulo do livro, “A Extinção Que Não se Acaba – ‘Nenhum, Nenhuma’”, Luiz Tatit analisa as relações entre proximidade e distanciamento, que retratam, através de categorias espaciais, as uniões e separações do plano afetivo. O enunciatador do conto tenta rememorar fatos marcantes de sua infância, entretanto “as lembranças se confundem com as distâncias, de maneira que não há certeza nem do tempo, nem do espaço em que se deram os episódios” (p. 153). Para Tatit, Guimarães Rosa trabalha com o valor da imutabilidade que é o ponto em comum das noções denominadas o “nunca mais” e o “para sempre”. Tatit, ao analisar a distribuição aspectual dos personagens, reunidos sem uma justa razão numa mansão rural não localizada, nota que o “Menino” está no início da vida, a “Moça” e o “Moço”, no

meio da vida, o “Homem velho” é um doente em estado terminal e “Nenha” está num “além da vida”, já que há muito ultrapassou os limites da vida humana. Com isso, o espaço tensivo criado por Rosa vai de uma “demarcação incoativa” do menino até uma “extensão incoativa-durativa” da personagem Nenha (p.161). Luiz Tatit demonstra também que o “percurso antagonista” possui uma força muito grande nesse conto, pois “lança alguns de seus atores num campo de desconhecimento, apaga importantes traços de memória que poderiam esclarecer seus episódios” (p. 175). É esse percurso, entretanto, que possibilita “o trabalho do enunciador de combate ao esquecimento e de recuperação de um saber relevante cujo registro ficará *para sempre* nas linhas desse conto” (p. 185).

Com esse laborioso trabalho, Tatit brinda a todos os semioticistas, pois apresenta uma reflexão apurada sobre temas importantes e que careciam de um melhor tratamento teórico. Por outro lado, convida os leitores de Guimarães Rosa, sejam eles semioticistas ou não, a se deleitarem com a perspicácia das análises escritas num estilo cativante, já conhecido pelos leitores de outras obras de Luiz Tatit. O livro *Semiótica à luz de Guimarães Rosa* endereça-se também a todos os interessados pelas questões da linguagem e da produção do sentido e, ao mesmo tempo, torna-se leitura fundamental para os que pretendem realizar um encontro ou um reencontro com a obra de Guimarães Rosa, agora iluminada por outros e inesperados sentidos.